

A inteligência artificial, sem ser percebida, acaba por conduzir a sociedade pelas facilidades disponíveis, em todos os campos. A comodidade passa a ser confundida com preferências e, conseqüentemente, apropriada (Mota, 2023). Nesse contexto, a linha entre escolha consciente e sugestão algorítmica se torna cada vez mais tênue, levando a uma reflexão sobre a real autonomia dos indivíduos diante de um ambiente digital que constantemente molda suas percepções e decisões. As plataformas digitais, ao personalizarem conteúdos e ofertas, criam bolhas de informação que reforçam vieses e limitam a exposição a ideias divergentes, o que pode levar a um empobrecimento do debate público e à polarização social.

A coleta e utilização desses dados para prever e manipular comportamentos não só desafia a privacidade, mas também a autonomia individual, à medida que as escolhas dos usuários são direcionadas por interesses que muitas vezes permanecem ocultos. Essa dinâmica reflete uma nova forma de poder, onde o controle é exercido de maneira sutil, mas onipresente, através da manipulação de informações e da criação de realidades personalizadas (Zuboff, 2020).

Esse processo desafia o desenvolvimento do pensamento crítico, pois as pessoas são frequentemente expostas a conteúdos que reforçam suas crenças e limitam o acesso a perspectivas divergentes. Essa personalização da experiência digital, se por um lado oferece comodidade, por outro contribui para a criação de bolhas informativas que podem levar à polarização social e ao empobrecimento do debate público (Monteiro, 2018).

A análise dessas transformações é crucial para entender como a tecnologia está moldando comportamentos e decisões, e como isso impacta a autonomia individual em um mundo cada vez mais controlado por forças invisíveis, reforçando a importância de uma alfabetização digital crítica e da regulamentação que proteja os direitos e liberdades dos cidadãos.

Assim, convém analisar como essas transformações geradas pela tecnologia influenciam no comportamento da autonomia do ser, direcionando em um comportamento planejado para o controle de massas. Essa importante verificação é fundamental para se entender como a tecnologia, ao moldar comportamentos e decisões, pode estar contribuindo para a erosão da autonomia individual e para a consolidação de um sistema onde as escolhas são, em grande parte, influenciadas por interesses comerciais e políticos. A reflexão sobre esses temas é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e capaz de resistir às pressões de um ambiente cada vez mais controlado por forças invisíveis.

o *design* interno, a estrutura e a implementação ao usuário externo. Os algoritmos internalizam dados de maneiras que criam dificuldade para uma auditabilidade e compreensão precisas. Tal dificuldade afeta princípios e propósitos para uma proposta de IA robusta e deve ser conscientemente observada. Essa forma de internalização a partir de referenciais “é influenciada por seres humanos falíveis, que podem facilmente gerar também vieses na ação produzida pela aplicação do algoritmo, desde ferramentas de resolução de disputas, algoritmos de coleta de dados até discriminações em razão de raças e religiões” (Bonat; Peixoto, 2020, p. 51).

Segundo Kaufman (2022, p. 141) o “mundo digital” não é um mundo à parte do “mundo físico” nem é um espaço homogêneo, contempla múltiplos atores, quais sejam, instituições, indivíduos, conexões, interesses, natureza, tecnologias, dispositivos, regulamentações. Ou seja, a sociedade é complexa, parte de suas atividades é presencial e parte é virtual, mas é o mesmo mundo (não obstante as especificidades), em que o principal ativo é a informação (pressuposto a economia da Informação em Rede e da Economia de Dados).

No segmento político, especificamente no ângulo dos processos democráticos, a interferência da Inteligência Artificial (IA) é preponderantemente significativa. Segundo Mota (2023, p. 92) “a influência do *machine learning* na modulação política é imensurável”. Em 2012, elegeu Barack Obama, que contratou um especialista para gerenciar a máquina e a sua campanha, reunindo informações de todos os eleitores. Em 2016, nos Estados Unidos, já não era mais novidade nas eleições. Donald Trump venceu as eleições, investindo em propostas ainda mais potentes tecnologicamente, relacionada à personalidade e comportamento dos eleitores (Domingos, 2017).

Segundo refere Mota (2023, p. 92) “o caos desta engenharia de dados para disseminar populismo retrata o jogo político gigantesco da história”. As consequências geopolíticas da desinformação modificaram o campo da democracia. E de fato, afirma Empoli (2020) as “nossas democracias começam a afundar”. Assim, as eleições de Trump simbolizam o poder desta nova era da manipulação e o risco do mau uso das novas tecnologias. O que se verifica, desta forma, é uma potencial influência das máquinas inteligentes, dos dispositivos tecnológicos e digitais no âmbito de formação da cidadania, compondo-se como estratégias das grandes empresas e Big Techs para influenciar as decisões políticas e processos democráticos, muitas vezes determinando os caminhos a serem tomados por muitos países ao redor do globo.

6 CONCLUSÃO

